



*** *Natal na Floresta* ***

É sempre na noite da véspera de Natal que saímos para estar com a nossa árvore. Agasalhamo-nos bem, porque faz muito frio. A Nina não larga as botas que calçou logo pela manhã e que lhe ficam enormes.

O nosso pai põe uma caixa e outras coisas na parte de trás da carrinha, e nós os quatro apertamo-nos no banco da frente.

E lá vamos pelas ruas iluminadas em direção ao escuro e ao silêncio.

Quando por fim paramos, a Nina está quase a dormir no colo da nossa mãe.

— Já chegamos? — pergunto.

— Já, sim — responde o pai, enquanto abre as janelas para podermos aspirar o fresco odor das árvores.

Assim que saímos da carrinha, encontramos carvalhos, amieiros e áceres despidos de folhas, brilhando à luz do luar.

Os pinheiros e os abetos mantêm-se verdes. Chamam-lhe a Floresta do Lucas, mas o meu pai explica que não se trata propriamente de uma floresta – apenas de um local belo e esquecido que marca o fim da nossa cidade.



O meu pai segue pelo caminho entre as árvores, segurando a caixa e a grande lanterna vermelha.

A minha mãe e a Nina seguem-no, de mãos dadas.

Eu sou o último e levo comigo a manta.

Ainda não nevou. Faz um frio cortante e custa respirar. O céu, salpicado de estrelas, com uma lua grande como uma bola de basquete, espreita-nos por entre as copas das árvores.

A lanterna do pai vai iluminando o caminho.

— Olhem! — sussurra.

Todos paramos.

Por entre a vegetação, um veado observa-nos — consigo ver-lhe os olhos a brilhar no escuro. Depois, dá meia-volta e desaparece.



— Ora aqui está a nossa árvore! — exclama o meu pai.
Tem sido a nossa árvore desde sempre. Caminhamos à sua volta e acariciamo-la.

— Cresceu bastante desde o ano passado — comento.

Sinto a mão da minha mãe a pousar no meu ombro.

— Tal como tu!

— E como eu! — diz a Nina, que detesta sentir-se excluída.

Ouve-se um pio de coruja vindo do interior da escuridão. Há, por todo o lado, à nossa volta, segredos escondidos.

— Posso pôr a grinalda de pipocas? — pergunta a Nina. Tanto pula e salta que uma das botas sai-lhe do pé, mas a nossa mãe ajuda-a a calçá-la de novo.



Nina pega numa ponta da grinalda e eu, na outra, e desenrolamo-la à volta da nossa árvore. Trouxemos maçãs e tangerinas presas por fios e penduramo-las nos ramos. Não é nada fácil fazer isto de luvas, mas é impensável tirá-las com o frio que faz.

A seguir, penduramos as bolinhas de sementes de girassol, milho miúdo e mel que preparamos ao longo das últimas semanas.

Por fim, espalhamos, junto às raízes, nozes descascadas, migalhas de pão e maçãs aos bocadinhos para todos os animaizinhos que não conseguem trepar lá muito bem. *A nossa árvore está tão bonita!*

A mãe pede-me, então, para eu estender a manta e todos nos sentamos a admirar a árvore. Ela trouxe um termos com chocolate quente, e eu descalço as luvas e ponho as mãos à volta da caneca para as aquecer.

O pai apaga a lanterna e ficamos todos muito quietos e calados à espera de que algum animalzinho venha ter connosco ou que o veado volte a aparecer. Em vão.

— São tímidos — diz o meu pai.

— Eu também sou tímida! — diz a Nina.



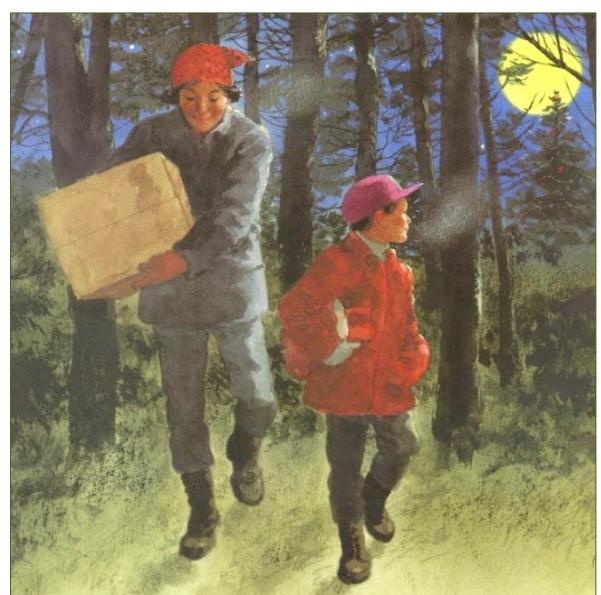
Antes de irmos embora, eu e a Nina escolhemos as canções de Natal. Eu escolho *Eu hei de dar ao Menino*. A Nina escolhe *O Jardim da Celeste*.

— Isso não é nenhuma canção de Natal — comento, mas a nossa mãe diz que se trata também de uma canção muito bonita.

Cantamos depressa porque as canções são grandes e está a arrefecer cada vez mais.

Quando acabamos de cantar, pegamos nas nossas coisas e voltamos para a carrinha.

Olho para trás e, no meio da escuridão, julgo distinguir a nossa árvore em cujos ramos cintila o reflexo das estrelas, a brancura do luar.



A Nina está cheia de sono. O pai pega nela ao colo e aconchega-a na manta.

Mais tarde, já deitado, ponho-me a pensar na nossa árvore.

No dia seguinte, com a casa, ruidosa e feliz, cheia de tias e tios e primas e primos, o pensamento foge-me para a Floresta do Lucas.

Penso nos pássaros a banquetearem-se com a ceia de Natal e nos esquilos e nos gambás e nos guaxinins e nas doninhas...

Até talvez haja um urso: o pai diz que os ursos não dormem durante o inverno mas, se algum acordar, aposto que vai ser por causa do Natal.

Ou então uma raposa, de pé nas patas traseiras, a tentar chegar aos ramos mais altos.

Talvez estejam todos lá,

a cantar as suas canções de Natal, em redor da nossa árvore.



Eve Bunting
Night Tree
New York, Voyager Books, 1991
(Tradução e adaptação)

Natal na Floresta

1. Na véspera de Natal, há uma família que faz uma viagem de carro:
 - a. Quem faz parte dela?
 - b. Para onde vão?
 - c. O que vão fazer?
2. Nesse local, que árvores encontram?
3. Mas há uma árvore, em particular, que é muito importante para eles. Por que razão?
4. E assim, todos os anos, na véspera de Natal, repetem o mesmo ritual:
 - a. O que penduram na árvore?
 - b. Para quem são esses alimentos?
 - c. Achas que esses gestos podem ajudar a natureza? Porquê?
5. O que faz depois a família enquanto contempla a árvore à noite?
6. Que emoções sentem todos nesse momento? Identifica-as, justificando a tua opinião.
7. E tu, gostarias de viver um momento semelhante? Por que razão?
8. Como imaginas a árvore naquela noite, depois da partida de todos?
9. No dia de Natal, mesmo rodeado da família, em que é que o narrador continua a pensar?
10. Qual é, para ti, a mensagem mais importante desta história?
11. “Se eu fosse um animal da floresta naquela noite...”

Escreve um pequeno texto, escolhendo o animal e as sensações que ele experimenta após a partida da família. O que verias? O que comerias? O que sentirias?